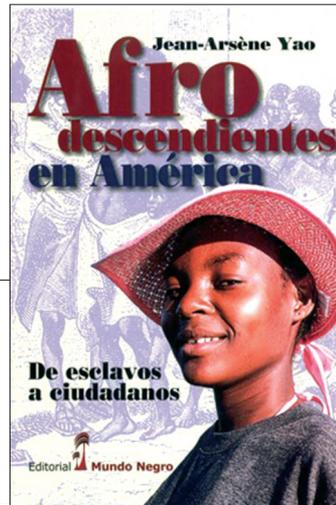


RAÍZES NEGRAS DA AMÉRICA: DIÁSPORA DOS ESCRAVOS

LESLIE SEDREZ CHAVES
leslie_chaves@yahoo.com.br

Afrodescendientes en América: De esclavos a ciudadanos

Jean-Arsène Yao
Editorial Mundo Negro
ISBN: 978-84-7295-232-9
Madrid, 2014. 239 páginas



O tráfico de africanos escravizados, sem dúvida, foi um dos capítulos mais importantes e lamentáveis da história mundial. A relevância desse acontecimento reside no fato de que a diáspora africana espalhou-se por todo o globo terrestre, reconstruindo o contexto histórico, social, econômico e cultural dos diversos países onde esteve presente. A parte deplorável desse processo foram os meios e os motivos escusos utilizados para promover a distribuição de grandes contingentes de africanos pelo mundo. Pertencentes a variados povos da África, homens, mulheres e até crianças foram capturados e reduzidos a objetos, sendo destituídos de sua condição humana. Por outro lado, essa situação sempre coexistiu com inúmeras formas de resistências e luta por parte dos africanos e seus descendentes ao longo da trajetória do regime escravocrata.

O continente americano foi o destino da grande maioria dos africanos traficados, e muitas vezes também se tornou um segundo ponto de partida, pois muitos negros escravizados eram revendidos depois de terem desembarcado nas Américas. Com a proposta de resgatar a história e valorizar a contribuição dos afrodescendentes na construção das identidades dos países desse continente, que se configurou como uma das principais rotas do tráfico negreiro, o livro *Afrodescendientes en América: De esclavos a ciudadanos* traz uma contribuição consistente e detalhada sobre o tema. Além dos aspectos históricos, também são retratados os contextos econômicos e sociais, as condições de vida dos afrodescendentes e suas estratégias de sobrevivência e contra a subordinação. O livro faz esse resgate histórico a partir de três eixos que organizam a obra: parte I, “África

Referenciar como: Sedrez Chaves, L. (2014). Raízes negras da América: Diáspora dos escravos. *index.comunicación*, 4(1), 283-286. Recuperado de <http://journals.sfu.ca/indexcommunication/index.php/indexcommunication/article/view/156/145>

en América”; parte II, “El largo camino hacia la visibilidad”; e parte III, “Atlas de la afrodescendencia”.

Na primeira parte, “África en América”, é contextualizada a organização do tráfico negreiro desde o continente africano, retomando-se as guerras entre os diferentes povos negros, e como se deu a chegada e a interação dos europeus nesse território. Assim, o livro registra as diferentes etapas dos modos de operação do tráfico, partindo do período de contrabando da mão de obra escravizada, que precedeu as relações comerciais, passando pelo comércio triangular, até a expedição de documentos e criação de leis que regularizavam essa prática mundialmente. Ainda, são descritos os cenários dos diversos momentos que envolviam o tráfico negreiro, como as condições insalubres do transporte nos navios, e a chegada ao local de destino, quando aconteciam a preparação e avaliação dos africanos e os preços eram fixados para a venda.

O período posterior à venda, ou seja, a situação em que viviam os negros escravizados, também foi discutido, como os tipos de funções que eles desempenhavam nas propriedades, as sanções e maus tratos que sofriam e, por outro lado, a criação de leis que tinham cunho humanitário, como a primeira lei que buscava regulamentar o matrimônio entre os cativos e o direito a manter a família unida. Outra legislação que foi destacada é o “Código Negro”. Criado nas colônias espanholas na América, o código tinha o objetivo de normatizar o tratamento aos escravos indicando diversas medidas, como a proibição dos castigos físicos. Entretanto, esse conjunto de normas não foi cumprido porque os escravagistas não tinham muito interesse em mudar seu modo de se relacionar com os escravizados, e também temiam um movimento mais intenso de rebelião. Fato que não impediu as diversas mobilizações dos negros contra o regime escravocrata.

As dimensões e importância das ações de resistência negra fecham essa primeira parte do livro, que ressalta a força da herança cultural africana como impulsionadora das lutas e como contribuição relevante na formação das diferentes culturas ao redor do mundo. Através de integrações, adaptações, recriações e negociações, o legado africano permaneceu vivo, superando as adversidades.

A segunda parte do livro se dedica a retratar o lento, gradual e diversificado processo de abolição da escravatura, que passou pelas mobilizações de luta dos afrodescendentes e sua busca por encontrar meios financeiros para adquirir a própria alforria, até a implementação de leis, como a proibição ao tráfico negreiro, que com o passar dos anos foram contribuindo para o enfraquecimento da prática do trabalho escravo.

De acordo com o autor, o século XIX ficou conhecido como o “século das abolições”, período em que também ocorreu um processo único de abolição

revolucionária nas colônias europeias: a revolução do Haiti, que se tornou referência de luta para os negros, inspirando outras mobilizações, mas também incitando a repressão por parte dos escravagistas, que temiam o aumento das insurreições.

O contexto pós-abolição também é tratado de forma aprofundada, com o apoio de dados históricos e indicadores socioeconômicos, os quais comprovam as condições de vida precárias dos negros e as desigualdades em relação aos não negros nos diversos países do continente americano. A conquista da liberdade não assegurou o acesso ao exercício da cidadania. Com a “abolição inacabada”, conforme aponta o autor, “los afroamericanos, formalmente libres, fueron trasladados del lugar de esclavizados al lugar de subcivilizados, al lugar en que el color de la piel se asoció a atraso, a semisalvajismo” (página 63). Situação que relegou a população afrodescendente a segundo plano, causando dificuldades que vão desde a invisibilidade estatística, que impede a exposição das condições socioeconômicas e a elaboração mais eficaz de políticas públicas de reparação específicas para esse grupo populacional, até a discriminação racial, que prejudica o acesso dos negros à educação, saúde, emprego, habitação, lazer, aos usos dos espaços públicos, à representatividade nos meios de comunicação, etc.

A obra também aborda os resultados dos diversos caminhos que as populações afrodescendentes das Américas percorreram e têm percorrido na luta pela igualdade e contra a discriminação. São apontados ainda os avanços nos modos de articulação dos negros. De acordo com o autor, a “organização civil da diáspora africana” (página 72) tem direcionado de maneira mais efetiva suas mobilizações à valorização cultural e às reivindicações de direitos. Destaca-se a maior capacidade de denúncia e inserção de demandas nas agendas internacionais de desenvolvimento. Processo que faz parte da estruturação de uma agenda global de construção de uma cidadania afrodescendente, ação que é apontada como uma nova etapa dos movimentos de resistência dos negros (página 73).

A terceira parte do livro compreende o “Atlas de la afrodescendencia”, que divide o continente americano em cinco regiões (Norteamérica, México e Centroamérica, Caribe, Antillas Menores y Sudamérica) e apresenta um mapeamento do contexto histórico, cultural e socioeconômico das populações afrodescendentes dos 28 países que se localizam nas regiões apontadas. Ainda são destacadas, com a inclusão também de imagens, algumas das personalidades negras mais representativas nesses países.

Fecha a obra um interessante compêndio com as principais leis afirmativas implementadas nos países americanos.

Sem dúvida, *Afrodescendientes en América: De esclavos a ciudadanos* é um estudo sistematizado com seriedade que se torna um valioso documento sobre a

diáspora africana nas Américas. Leitura obrigatória para todos os que desejam conhecer com mais profundidade a formação cultural e uma parte importante da história do mundo, e para os que queiram entender o contexto socioeconômico e político de hoje.